A PESQUISA EM EDUCAÇÃO E ARTE COM E A PARTIR DE MULTIVÍDUOS

Francieli Backes / Mestranda PPGE – UFSM

Leonardo Charréu / UFSM

RESUMO
A contemporaneidade apresenta uma sociedade de caráter fluído, a qual está pautada na tríade cultura-comunicação-consumo, a qual é apresentada pelo antropólogo Massimo Canevacci na proposição de seu conceito sobre um novo sujeito: o multivíduo. O sujeito contemporâneo é resultado de uma modernidade onde não há identidade fixa: as identidades tornaram-se móveis e fluídas. A identidade passa a diluir-se em subjetividades e o indivíduo detém a possibilidade de assumir diversos “eus”. Perante esta nova paisagem social, a educação é desestabilizada e problematizada. Os discursos de poder perdem seu sentido, pois o multivíduo se multiplica e dá voz a todos seus eus. Esta escrita apresenta as potencialidades deste novo conceito para a formação docente em arte.

PALAVRAS-CHAVE
multivíduo; complexidade; bricolagem.

ABSTRACT
The contemporary presents a fluid character of society which is guided by the triad culture – communication – consumption, which is presented by the anthropologist Massimo Canevacci in proposing his concept of a new subject: the multividual. The contemporary subject is the result of a modernity where no exist fixed identity: identities have become mobile and fluid. The identity becomes diluted in subjectivities and the individual has the ability to take various "selves". Faced with this new social landscape, the education is destabilized and problematized. The power of speech lost its meaning because the multividual multiplies and gives voice to all your selves. This writing presents the potential of this new concept for teacher formation in art.

KEYWORDS
multividual; complexity; bricolage.

Um espaço-tempo de onde parte a nossa fala

Ao pensarmos acerca da contemporaneidade nos deparamos com uma situação de transição. Neste momento, que difere da modernidade, temos uma sociedade com seus interesses e ações muito mais pautados na comunicação do que no consumo. Aliás, a comunicação é o que nos leva a consumir. A comunicação não substituiu o consumo em seu papel na construção social, mas leva-lhe novas condições de existência. A sociedade contemporânea que antes era mediada pela necessidade do consumismo, agora está atraída por um forte desejo de comunicação. Este novo cenário social nos leva ao encontro dos estudos do antropólogo Massimo Canevacci acerca da *metrópole comunicacional*. A cidade tem sede de comunicar-se. E nessa busca pela comunicação, surgem os sujeitos que Canevacci denomina "multivíduos". O multivíduo é o oposto da ideia de um indivíduo, único e indivisível. No meio virtual, uma forma de comunicação amplamente utilizada, os sujeitos assumem diferentes personalidades, transitam pelas potencialidades oferecidas por suas múltiplas subjetividades.

Mas qual o lugar do multivíduo em um espaço de pesquisa sobre educação e arte? Como pesquisar com e a partir de multivíduos? Quais as contribuições de uma pesquisa que levante este conceito, e até mesmo o amplie? Para Canevacci (2003, 2005 e 2009) as imagens têm poder na metrópole comunicacional: elas atravessam o corpo e o fazem corpo. Nesses atravessamentos, as imagens tornam-se parte de cada uma das subjetividades que constituem este múltiplo sujeito: o multivíduo. A ação da imagem sobre um corpo suscetível às afecções, produz sobre ele o efeito de proliferar-se. Permite-lhe uma liberdade para a diversidade de "eus" que pode adquirir, manusear, trocar, vestir e despir no momento que lhe convém.

A arte é espaço de trânsito destes multivíduos. É possível encontrá-los desde os heterônimos de Fernando Pessoa até às fotografias de Cindy Sherman, em uma proliferação de "eus" ou mesmo na repetição de um mesmo eu que se multiplica em faces diversas. O multivíduo envolve constantes ações de vestir-se de um eu que deseja ser, ou despir-se e mostrar um eu que é e ainda não foi exteriorizado. No caso de Cindy Sherman, a elaboração de suas fotografias não nos revelam outro ser, ou os múltiplos seres da artista, mas tentam mostrar uma construção da artista que se desdobra em múltiplos outros personagens. Este ser, construção de um

imaginário, reflete a liberdade de se assumir a multiplicidade em detrimento da identidade fixa. Já no caso de Fernando Pessoa acompanhamos os múltiplos eus que o autor assume, criando até mesmo uma biografia para cada um deles, a qual se relaciona com sensibilidades poéticas diferentes.

O conceito de multivíduo é uma proposição que se opõe à manutenção de identidades rígidas e imóveis, aquelas que tradicionalmente são o cerne do ser humano, e ali em seu interior permanecem inalteradas. Esta apologia à identidade é vista por Canevacci (2005, p. 17) como uma forma de resistência da antropologia "ao perigo das diferenças vistas como desordem". A diferença é utilizada pelo multivíduo como potência para a existência de seu ser, um ser múltiplo capaz de estabelecer conexões entre todas as informações que contata. Nesta metrópole comunicacional o multivíduo alimenta-se de diferentes áreas de conhecimento estabelecendo as bases para a diversidade de suas subjetividades em oposição à uma identidade fixa. Logo, a noção de multivíduo está intimamente ligada à proposta do pensamento complexo que permeia a obra de Edgar Morin, tendo em vista que este ser múltiplo é capaz de compreender a ciência fora dos parâmetros cartesianos.

Atentando para essa condição contemporânea de dissolução das identidades em uma sociedade pautada na comunicação, e o surgimento de possíveis multivíduos, uma oposição entre o uno e o múltiplo, esta escrita busca apresentar o conceito de multivíduo em sua complexidade, propondo possíveis conexões com a arte e a educação e também com metodologias de pesquisa que permeiam estes campos.

Desvendar a multiplicidade de "eus" – o multivíduo e a fluidez das identidades

Quando Zygmunt Bauman iniciou sua observação sobre a fluidez da modernidade, estava aproximando-se de uma discussão também sobre a condição sólida da identidade. Ao trazer ao nosso conhecimento a Modernidade Líquida (2001) nos arremessa a um campo de incertezas e ilusões: o que vivemos não pode mais ser apreendido, tudo tornou-se fluído, inclusive as fronteiras. Sem fronteiras não existem barragens e o líquido transcorre, se expande, espalha-se livremente.

> [...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluídos, por assim dizer não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto, e, portanto, diminuem a

> significação do tempo (resistem efetivamente ao seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluídos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar [...]. (BAUMAN, 2001, p.8)

O arcabouço das identidades permanece, como uma forma de resistência às marés de uma nova condição social: aquela que tudo tenta liquidificar. Esta não é uma luta ideológica entre correntes filosóficas ou antropológicas, mas sim uma condição que a própria modernidade edificou, ou até mesmo, fez ruir. Alguém abriu as gavetas de Descartes e misturou os arquivos, e agora tudo parece caótico. Foram-se as divisórias. Acabaram-se as fronteiras? Estamos tão despidos de nós mesmos que já perdemos o "outro" com quem poderíamos nos identificar? Ou simplesmente destituímos os discursos de poder em favor de uma liberdade? Mas se nesta sociedade tudo é fluído, esta sensação de liberdade também não seria ilusória ou efêmera?

Neste território de fronteiras esbatidas, somos convidados ao exercício de adentrar o nosso corpo. Estamos a descobrir um novo corpo em cada movimento investigativo. Nesse percurso, onde não há limites que nos detenham, somos tentados a assumir uma multiplicidade de seres: alguns materializam-se a partir do que nos afeta, outros através do que nos atravessa, e no fim somos tantos em um só, que torna-se difícil voltar à espinha dorsal. Somos então seres múltiplos em uma sociedade líquido-moderna. As subjetividades, líquidas, gasosas, voláteis, escapam até mesmo pelos poros deste corpo tão débil, incapaz de deter em seu interior, presas, as potencialidades múltiplas do ser.

Spinoza em sua Ética nos defrontaria com a célebre interrogação: – O que pode um corpo? Neste sentido, o que pode este corpo que é apenas casulo para a mariposa que tem em seu âmago o desejo de ser livre? E para as mariposas, líquidas desde sua essência, não existem fronteiras entre os territórios, e talvez não exista sequer o plural de território, este é singular, único. Esta é a paisagem desenhada pela sociedade contemporânea: constante e infinita, dotada de conexões possíveis entre diferentes lugares, agora de fronteiras apagadas e dispersas. Por estes esbatimentos transitam seres capazes de assumir múltiplas formas, condicionados por suas afecções, pela capacidade e o desejo da comunicação.

Estamos a falar sobre identidade e ao mesmo tempo sobre territórios, fronteiras. Entendemos que estes elementos não se dissociam, estão ligados intimamente em um processo de mútua dependência. Para Bauman (2005) há uma questão de pertencimento na forma como as pessoas compreendem o que é identidade. Os sujeitos identificam-se através de sua comunidade, pois a comunidade é "a entidade que os define" (BAUMAN, 2005, p.17). A identidade é encharcada da necessidade de pertencimento. Quando mergulhamos em uma ideia de identidade levamos conosco todas as simbologias de um pertencimento a algo. Quem possui uma identidade identifica-se com alguma coisa, com alguém, com algum lugar. Quem tem uma identidade pertence a algo, ou então almeja pertencer. Esta necessidade de pertencimento das identidades está atrelada à maneira como as formas de poder exercem sua influência sobre os sujeitos. A busca pelo pertencimento é também um almejo por igualdade:

> O pertencimento se reforça como estratégia simbólica de busca de inclusão ante contextos de fragmentação derivados de processos de desigualdade cada vez mais intensos. O pressuposto social faz a politização desse mesmo social, e ao determinar a necessidade de pertencimento, também direciona, a luta pela passagem da desigualdade à igualdade. (SOUSA, 2005, p.15)

Quando o sujeito busca um território ele também pretende identificar-se com os outros membros deste lugar, quando não o faz, as forças de poder, que operam no espaço em que se insere, fazem com que este se mova em direção à uma identificação com o restante grupo. Michel Foucault (2013) fala sobre o olho do poder, sempre vigilante, com localização arquitetônica privilegiada para que possa administrar a organização dos grupos que pretende controlar, até aquele que controla através da opinião.

> Seu problema não era fazer com que as pessoas fossem punidas, mas que nem pudessem agir mal, de tanto que se sentiriam mergulhadas, imersas em um campo de visibilidade total em que a opinião dos outros, o olhar dos outros, o discurso dos outros os impediria de fazer o mal ou o nocivo. (FOUCAULT, 2013, p. 327)

Estas formas de controle acabam por dissolver-se quando as fronteiras se liquefazem. Sem fronteiras entre os territórios, rompem-se as portas, as celas, as grades. Os limites se atenuam. Não é possível identificar onde começa um grupo e onde se inicia o outro. As culturas acabam por comportar-se assim. Embora ainda

tenhamos um multiculturalismo bem definido em alguns grupos culturais, a hibridização cultural vem tomando espaço e transformando as fronteiras em lugares de diálogo e troca entre as culturas.

Neste contexto tão fluido a comunicação tem papel fundamental. Ampliada com o avanço das tecnologias e com a globalização, a forma como as pessoas interagem e se comunicam tem sido contemplada por avanços tecnológicos surpreendentes nas últimas décadas. Nesse contexto, a comunicação está pareada com o consumo no que diz respeito às mudanças sociais. Se na modernidade tínhamos uma sociedade pautada no consumo, a contemporaneidade tem seu foco no consumo e na comunicação. Massimo Canevacci nos apresenta uma cidade em transição: da cidade industrial para a metrópole comunicacional. “Os nexos entre tecnologias digitais e interstícios móveis de uma metrópole não mais industrial, mas comunicacional, liberam potências, identidades diaspóricas, sincretismos culturais, paisagens sonoras, imaginações visuais” (CANEVACCI, 2003, p. 29).

Para Canevacci (2003, p. 31) o multivíduo é o ser *ex-espectador* que transita e constitui esta metrópole comunicacional. É o sujeito que abandonou a televisão como elemento único, é capaz de utilizar simultaneamente diversos meios de comunicação e, a partir deles, configurar um novo ser sobre si. O multivíduo utiliza-se do ciberespaço como um campo para a experimentação de seus múltiplos “eus”, onde é capaz de assumir diversas identidades. Para Pierre Levy (1999, p. 124–125) o ciberespaço é um produto sociocultural resultante de um processo onde “uma infraestrutura de comunicação pode ser investida por uma corrente cultural que vai, no mesmo movimento, transformar seu significado social e estimular sua evolução técnica e organizacional”. Nesse espaço de diálogo entre o ciberespaço e as culturas, constituem-se e proliferam-se as múltiplas subjetividades do multivíduo.

O multivíduo é, então, o resultado da transição de uma sociedade industrial para uma sociedade comunicacional. Neste espaço, de fronteiras ténues, o indivíduo dá lugar ao múltiplo, em um processo de multi-subjetivação. O sujeito é capaz de assumir diferentes formas, transitar por diferentes territórios, constituindo-se daquilo que os lugares lhe trazem como contribuição. O trânsito por essa metrópole comunicacional permite ao sujeito recolher, como um bricoleur, a matéria-prima para a proliferação de suas subjetividades e a sua constituição como multivíduo.

Fernando Hernández (2015) fala acerca do compartilhamento e da negociação de identidades do docente em formação. Embora o autor situe sua fala no campo acadêmico, podemos ampliar o foco: o docente em formação, aquele que permite a si ser um multivíduo, negocia suas identidades e abre-se às contaminações que encontra em todo o percurso de sua formação, incluindo o caminho até a academia, suas experiências familiares, o contato com os estudantes, as imagens que contata, os sons, e até mesmo os cheiros. Sobretudo em seu percurso o multivíduo é atento, e para cada novo acontecimento, para cada novo espaço, exterioriza um novo ser múltiplo de si.

A multiplicação de indivíduos e sua transformação em multivíduo acabam também por se opor a própria existência de uma identidade. Compartilhamos para esta afirmação a noção de identidade como é compreendida por Castells (1999, p. 57):

> Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais.

O multivíduo não exclui referências, ele permite que estas contribuam para sua multi-subjetivação. Este sujeito, resultante da transição de uma sociedade coletiva para uma sociedade conectiva, pode conectar-se com outros sujeitos e estar em outro espaço-tempo, contaminando-se pelas mais variadas referências. Neste sentido percebe-se que a

> [...] dimensão sociopolítica do coletivo, que assume e politiza o ser humano na sua individualidade, perdeu sua característica decisiva; na modernidade industrializada é que estabelecemos, mesmo que parcialmente, nosso destino: tentar mudar o sistema dominante. Mas como se realizou historicamente essa busca, é claríssimo que nunca funcionou de maneira adequada. Então, a cultura e a comunicação digital, que colocam em crise esta perspectiva coletiva, conseguem afirmar o processo conectivo que significa que a individualidade, que prefiro chamar de *multivíduo* se multiplica, se amplia, explode. Uma multiplicidade de *eus* no corpo subjetivo. Essa condição múltipla favorece a proliferação dos *eus* o que acaba por desenvolver outro tipo de identidade, fluida e pluralizada, que coloca, potencialmente em crise, as formas perversas e tradicionais do dualismo. (CANEVACCI, 2009, p. 9)

Esta oposição ao dualismo nos remete também à problematização da sociedade moderna que tende a distanciar-se de uma unificação rumo à uma fragmentação das

identidades. Anthony Giddens (2002) posiciona seu discurso em uma tentativa de equilibrar o contemporâneo: existem fragmentações, no entanto as unificações ainda resistem. Para o autor, esta fragmentação representa uma problemática para a sociedade, pois este entende que o indivíduo de múltiplos "eus" estaria sempre em uma posição desconfortável de assumir novas identidades mediado pelo espaço onde se insere. Desta forma Giddens seria um possível opositor ao conceito de multivíduo, já que nos apresenta uma problematização sobre esta capacidade do sujeito multiplicar-se.

> Quando o indivíduo sai de um encontro e entra em outro, sensivelmente ajusta a "apresentação do eu" em relação ao que lhe for demandado na situação em questão. Imagina-se muitas vezes que tal visão implica que o indivíduo tem um número de eus equivalente ao dos diferentes contextos de interação, uma ideia de certa maneira semelhante às interpretações pós-estruturalistas do eu, ainda que de uma perspectiva teórica diferente. Mas outra vez não seria correto ver a diversidade contextual como simples e inevitavelmente promovendo a fragmentação do eu, quanto mais sua desintegração em "eus" múltiplos. Essa diversidade também pode, pelo menos em muitas circunstâncias, promover uma integração do eu. (GIDDENS, 2002, p.176)

Esta visão apresentada por Giddens parte de um ponto de vista do "eu" como algo em que se imprimem as marcas dos sistemas de poder atuantes na sociedade. Está a falar acerca de um sujeito vulnerável e dócil, aquele que permite a dominação, que permite a inscrição em sua subjetividade da ordem dada por quem domina, aquele que se estabelece dentro das fronteiras e não ousa cruzá-las. A ideia de multivíduo como apresentamos busca superar este senso comum. A constituição do sujeito multivíduo implica que este esteja a burlar os sistemas de poder que impõem regras e limites sobre a constituição de suas múltiplas subjetividades. Estamos situados em um terreno livre pautado na negociação de identidades, nos afetos e nas estesias, onde o multivíduo coleta e deixa contaminar-se por forças não dominantes, mas sim cativantes.

O multivíduo na pesquisa em educação e arte

Uma questão que percorre os discursos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, contaminados pelas provocações de Michel Foucault é o poder e a voz. Quem são os detentores do discurso, quem fala sobre quem? O quanto indigno é falar pelos outros? Sobre estas indagações Deleuze (2013, p. 114) referencia a representação

de falar no lugar do outro como “uma mentira ou um slogan”. Estamos a tratar de uma reivindicação de poder: o poder da voz. Sempre irá existir aquele que fala no lugar do outro, que o emudece, que o cala ou que invalida seu discurso. Há uma “camada” detentora de um poder de refinar a fala das massas, de intelectualizar aquilo que é visto como matéria bruta. Sobre isto Foucault (2013, p. 131) refere-se ao afirmar que

> Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da "consciência" e do discurso também faz parte desse sistema.

Quando nos apropriamos de uma consciência sobre as formas de poder que regem os sistemas, nas quais há sempre aquele que é o detentor de um discurso *sobre* o outro que cala, estamos muito próximos de uma ideia arraigada sobre educação: aquela disseminada na maior parte das instituições, a ideia de um discurso único e soberano ou então, no máximo, uma polarização de discursos. Tem que se fazer uma pausa e repousar à luz das diferenças. Se está evidente que vivemos em uma sociedade composta por seres dotados de um desejo de serem diferentes; pois é a diferença que lhes proporciona a capacidade de sobressaírem dos demais; então é possível compreender que existe uma diversidade de vozes.

A partir deste pensamento sobre a diversidade dos discursos, onde se incluem também os multivíduos, as fronteiras da educação se dissolvem e os discursos pedagogizantes abrem espaço aos discursos desconstrutivos e transformativos, os quais “propõem a educação como prática reflexiva e meio de produção cultural e de pensamento” (RODRIGO E COLLADOS, 2014, p. 32). A educação compreendida como um campo onde o imprevisível contribui para os processos de aprendizagem pressupõem dar ouvidos às diversas vozes envolvidas no processo de aprendizagem. Nesse sentido as experiências cotidianas e os múltiplos eus que o sujeito multivíduo assume, ganham voz nas práticas de ensino, onde são problematizados e conduzem à um conhecimento rizomático e transdisciplinar,

amparado na cultura cotidiana e nas subjetividade dos sujeitos envolvidos na educação.

Uma pesquisa em educação que problematiza a existência destes sujeitos multivíduos e lhes proporciona um espaço para a sua fala, estará intimamente ligada aos processos de pesquisa através da bricolagem e à teoria da complexidade. Assumir-se como multivíduo pressupõem estar em constante processo de subjetivação, estando aberto aos afetos e aos achados do percurso. O conceito de multivíduo é uma potencialidade para a educação pois, primeiramente, nos desestabiliza, nos provoca à uma viagem interior em busca destes múltiplos eus que nos compõem. É possível, neste percurso coletar elementos que potencializem nossa prática a partir do que nos afeta, a partir de nossos desejos e daquilo que nos é prazeroso, ao passo em que compreendemos que o corpo humano é afetado de diferentes formas, as quais favorecem e potencializam nossas ações ou nos fazem permanecer inertes perante elas (SPINOZA, 2009). Nesse percurso de achados e encontros, onde se constituem as múltiplas subjetividades, o educando e o docente estão em constante negociação de subjetividades, de estesias, de afetos.

A arte é um campo aberto para a transdisciplinaridade. É uma espécie de território sem fronteiras, capaz de dialogar com qualquer área de conhecimento em uma troca mútua de colaborações. As experiências cotidianas dos multivíduos e suas múltiplas subjetividades são abarcadas pela arte e transformadas em propostas de ensino, projetos educacionais ou até mesmo em produções artísticas. Da mesma forma, a arte pode valer-se da contribuição de diferentes áreas como a ciência, a matemática, a sociologia e tantas outras na elaboração de propostas de ensino transdisciplinares, as quais envolvem a complexidade do pensamento. Esta complexidade é referenciada por Edgar Morin em sua obra e permeia boa parte de suas escritas. A sua maior crítica está na insistência em desassociar as áreas de conhecimento e colocá-las separadas umas das outras, rompendo o diálogo que há entre elas. A educação hoje, tem um grande desafio: aquele de aproximar novamente as múltiplas áreas de conhecimento e relacioná-las.

> A inteligência que só sabe separar reduz o caráter complexo do mundo a fragmentos desunidos, fraciona os problemas e unidimensionaliza o multidimensional. É uma inteligência cada vez mais míope, daltônica e vesga; termina a maior parte das vezes por

> ser cega, porque destrói todas as possibilidades de compreensão e reflexão, eliminando na raiz as possibilidades de um juízo crítico e também as oportunidades de um juízo corretivo ou de uma visão a longo prazo. (MORIN, 2013, p.19)

Considerações finais

A sociedade contemporânea apresenta em toda sua fluidez a presença de um novo agente: o multivíduo. Este novo sujeito transita livremente por diversos espaços e territórios aproveitando estas fronteiras diluídas. O multivíduo é um bricoleur. Em seus trânsitos coleta para a sua vida tudo o que pode ser útil e também tudo aquilo que o afeta, permite a si as afecções, permite contaminar-se, constituindo-se de subjetividades que podem ser aparentes ou estarem imersas em seu íntimo. Este sujeito múltiplo pode estar em nós docentes, em nossos educandos e em nossos encontros diários com outras subjetividades. O multivíduo pode resultar de uma negociação entre identidades, de uma compreensão e um espaço que proporcionamos à voz do outro, daquele que muitas vezes é calado pelos discursos de poder. Este pensamento sobre o multivíduo na sociedade contemporânea, nos permite não sermos um só e não compreendermos o outro como sujeito único, é uma fuga das polarizações e do silenciamento das vozes oprimidas. Esta revela-se uma necessidade da contemporaneidade: o ato de diluir fronteiras, de ampliar nossa vista para além das dicotomias, questionar as hegemonias e dissolvê-las.

A pesquisa que considera o sujeito multivíduo se expande para além das fronteiras, busca superar o pensamento cartesiano na educação utilizando-se das contribuições dadas pela arte para este fim. É uma pesquisa qualitativa amparada em uma bricolagem envolvendo a “costura” de biografias, diários pedagógicos, entrevistas, imagens, sons, filmes, e tudo aquilo que pode vir a contribuir com a pesquisa. O trabalho do bricoleur é uma ação contínua de tecer e “costurar” referências teóricas que são capazes de dialogar entre si produzindo novas percepções nunca antes pensadas ou propostas. A bricolagem pode ser compreendida como uma metodologia de pesquisa ativa, preocupada com a utilização de ferramentas que estão à disposição do pesquisador, sem que este necessite escolher um único método padrão.

Assim, esta é uma pesquisa que se empodera da complexidade e do conceito de multivíduo como forma de fuga dos estereótipos e polaridades, de uma ampliação dos modos de ver, vivenciar e transitar as diferentes culturas. É uma proposta de pensar o multivíduo como transcendência de fronteiras onde a arte encontra suas potencialidades para desenvolver-se e mostrar-se. Desta forma, é uma pesquisa que pretende subsidiar uma formação docente pautada na transdisciplinaridade, no empodermento das subjetividades e na diluição de fronteiras entre saberes, entre pessoas e culturas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANEVACCI, Massimo. A comunicação entre corpos e metrópoles. In Revista Signos do Consumo, vol. 1, nº 1, 2009, p. 8–20.

_____. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles.* Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Pausas de Carne. In *Cadernos PPG-AU FAUFBA*. Vol.1, n.1 (2003). Salvador: FAUFBA-EDUFBA, 2003.

CASTELLS, M. (1999). *A sociedade em rede.* Volume I. 8ª edição revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Conversações.* 3ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* 26ª Edição. São Paulo: Graal, 2013.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade.* Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. In *A formação do professor e o ensino das artes visuais.* Marilda Oliveira de Oliveira e Fernando Hernández (organizadores). 2ª Edição. Santa Maria: Editora da UFSM, 2015.

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2013.

RODRIGO, Javier; COLLADOS, Antonio. Enredando-nos dentro e fora das pedagogias culturais: paradoxos e desafios das políticas e Pedagogias Culturais. In MARTINS, R.; TOURINHO I. (Org). *Pedagogias culturais.* Santa Maria, Editora da UFSM, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética.* Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção Mediática: Linguagem de Pertencimento. In *Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación*. Ano II, número II, janeiro-junho de 2005.

Francieli Backes
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Leonardo Charréu
Professor no Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e no Programa de Pós-graduação em Educação (UFSM), na linha de pesquisa Educação e Artes.
E-mail: leonardo.charreu@gmail.com